



Não evidenciar o espaço e sim as obras foi a tônica do projeto de iluminação.

Uplight nas bases dos biombos, e downlight no ambiente geral, caracterizam a iluminação da exposição.



Eternos tesouros do Japão

Por Marina Castellan

Homogeneidade marca projeto de iluminação

DE AGOSTO A NOVEMBRO DE 2006, O “OLHO” DO MUSEU

Oscar Niemeyer, localizado em Curitiba (PR), sediou a exposição “Eternos Tesouros do Japão”, uma reunião de 119 obras dos séculos 13, 16, 17, 18 e 19. São pinturas em biombos, pergaminhos, gravuras, utensílios em laca, metal, cerâmica, márfil, além de armaduras, espadas e caligrafia, que retratam cerca de um milênio de história da civilização japonesa.

As obras foram expostas sobre expositores baixos, expositores fechados com proteção de vidro, paredes e biombos, numa área aproximada de 2.100m² (30m de largura, por 70m de comprimento) e ambientação toda na cor preta. Apenas o forro foi mantido - original do museu -, revestido com forro modular em lâminas brancas de alumínio, perpendiculares. A iluminação já existente no museu, composta por lâmpadas fluorescentes, atrás do forro de modular, foi apagada.

Para destacar as obras, o lighting designer Guintier Parschalk, responsável pelo projeto de iluminação, criou uma iluminação totalmente focada, no intuito, não só de





salientar as peças, aproveitando o aspecto opaco do ambiente, como de criar homogeneidade tênue de luz no ambiente e identidade visual. “Não quis evidenciar o espaço e sim as obras, por meio de uma iluminação de destaque num ambiente mais escuro, criando um ar místico e sutil, destacando as formas e características predominantes das peças, como cores, brilhos, texturas e relevos”, diz.

Iluminação geral

Com a aplicação exclusiva de iluminação direta, o projeto respeitou os limites de lux determinados pela curadoria da exposição: em uma das obras, o máximo de 30 lux, e, nas demais, entre 100 e 200 lux. A variação dos níveis de iluminância dependeu do material de cada peça. “Peças museológicas são sempre muito delicadas e já tem o tempo favorecendo seu desgaste. Por isso, cada obra tinha o nível ideal de iluminação necessária determinado, para que a luz não danificasse as obras”, explica Guinter.

De acordo com o lighting designer, algumas peças exibidas são feitas de materiais vulneráveis, como pinturas em laca, madeira, tecidos e papel. Quando mal aplicada em tecido, a luz pode desbotá-lo ou queimá-lo, comprometendo sua elasticidade e unidades das fibras. O mesmo acontece com o papel, que pode se esfurelar e perder sua cor. Por isso, foram usados filtros de vidro jateado e transparentes, para o controle

O nível de iluminância atingido no geral variou entre 100 e 200 lux (acima), com exceção da armadura (à direita), que teve iluminação de 30 lux, devido seu delicado material.



preciso dos níveis de iluminação e bloqueio da emissão de raios UV, responsável pela queima de fibras e pigmentos.

Uplight e downlight

Para a iluminação downlight e uplight foram utilizadas lâmpadas halógenas dicróicas, de potências de 20 e 50 W, e aberturas de foco de 10°,

Dicróicas de 50W nas extremidades de hastes em tubo de aço carbono iluminam obras em paredes expositivas, na iluminação downlight.



Assine

Lume Arquitetura. Para ficar entre os melhores só tendo acesso à melhor informação.

A qualidade da informação de Lume Arquitetura é o que a destaca como a melhor revista brasileira para profissionais de iluminação. Textos agradáveis, de fácil compreensão, ilustrados com belas fotos e imagens, abordam assuntos técnicos e estéticos, elementos fundamentais para o bom resultado de um projeto luminotécnico. Assine Lume Arquitetura. Você vai ficar sempre muito bem informado.



Assinaturas Lume Arquitetura

(11) 3801 3497

assinaturas@lumearquitetura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitetura.com.br

L U M E
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação

A iluminação downlight também foi aplicada em eletrocalhas suspensas em cabos de aço, focalizando obras em expositores estilo “ilhas”, e a uplight foi aplicado nos biombos.



38° e 60°. A opção pelas halógenas visou o custo, a boa reprodução de cor, com IRC de 100%, revelando os detalhes, as cores e contrastes das obras, de forma adequada.

A iluminação uplight foi aplicada nas bases de madeira dos biombos, utilizando spots com lâmpadas halógenas dicróicas 20W e filtros jateados, gerando um efeito de luz difuso e suave. “A iluminação branda foi essencial, neste caso, em razão da proximidade das lâmpadas com as obras”, diz Guinter. Estes biombos eram, basicamente, feitos de madeira com pinturas em laca.

Iluminação direta utilizada em todo projeto destaca as peças.



Para as obras expostas em móveis fechados, próximos a paredes do museu e paredes expositivas, Guinter optou por uma iluminação downlight, usando spots de sobrepôr, com lâmpadas halógenas dicróicas 50W de fachos variados, instalados nas extremidades de hastes em tubo de aço carbono. “Nesse caso, a potência da lâmpada foi maior em função da distância, também maior, entre a lâmpada e a peça a ser focalizada”, diz Guinter.

A iluminação downlight também foi aplicada, com spots e dicróicas de 50W instaladas em eletrocalhas, suspensas por cabos de aço. Nesse caso, o direcionamento da luz foi exclusivamente focalizado para obras expostas em expositores estilo “ilha”, distribuídos em espaços onde não havia paredes ou suportes próximos para a instalação das luminárias. ◀

Ficha Técnica

Arquitetura: Oscar Niemeyer

Projeto Luminotécnico:
Guinter Parschalk e
Marle Diaz Artigas / Studio Ix

Luminárias: Interlight

Lâmpadas: Osram e Philips

Reatores: Begli